

NUDEZ – UMA INVARIANTE Pedro Morais

CURADORIA Óscar Faria



Este coração posto a nu

Na esfera da literatura monástica é conhecida a lenda de “Mestre Eckhart e o menino nu”. Trata-se de um breve diálogo entre uma criança e o filósofo medieval renano, porventura escrito por um seu discípulo ou seguidor. Nesse texto, de carácter alegórico, narra-se um encontro onde o místico dominicano e personagem mais nova encontram no acto de despojamento, na nudez, a via para a revelação da essência contida no coração: a pobreza enquanto virtude crucial da existência. É através dessa desposseção, através da qual nos acercamos do nada, que somos confrontados com o facto da vida e da morte se equivalerem na sua suprema importância. Não devemos, pois, desperdiçar o nosso tempo:

“O Mestre levou o menino à sua cela e disse:

– Podes levar a roupa que quiseres.

– Mas, assim já não seria rei!

E desapareceu

O menino era Deus em pessoa, e viera para se divertir com ele.”

até 01 / 04 / 2018

terça a domingo



10h–13h e 14h–18h

PAVILHÃO BRANCO
entrada pelo Palácio Pimenta
Museu de Lisboa
Campo Grande

“Nudez – uma invariante” é não só o título da exposição de Pedro Morais, mas também o nome de um projecto inédito, agora revelado. Esta obra, que ocupa o primeiro piso do Pavilhão Branco, é dedicada quer a Leonardo da Vinci, para quem a pintura é “cosa mentale”, quer a Marcel Duchamp, que projectou essa ideia para uma quarta dimensão. Há um terceiro nome que percorre esta mostra, o japonês Hogen Yamahata, mestre zen contemporâneo, do qual se escuta a voz a recitar um texto fundamental daquela escola: o “Sutra do Coração”, onde, a determinada altura se lê: “(...) tudo, todos os fenómenos têm por natureza o vazio; não são nem produzidos nem destruídos, nem impuros nem imaculados, nem crescentes nem decrescentes.”

Através desta obra, Pedro Morais propõe uma reflexão acerca do carácter impermanente da existência, servindo-se, para isso, da pintura. Podemos nomear mesmo este trabalho como uma instalação pictórica, onde as cores primárias e complementares se espelham, num constante movimento de velaturas – o “sfumato”, tão utilizado por Leonardo –, que nos convidam a descobrir um espaço pleno de simbolismo, onde podemos encontrar essa passagem da virgem a noiva, protagonizada pela figura da maternidade. L.H.O.O.Q. [“Elle a chaud au cul”], como inscreveria, em 1919, Duchamp, depois de pintado o bigode, numa reprodução da “Mona Lisa”.

A exposição inclui ainda, no rés-do-chão, uma série de maquetas, com as respectivas caixas, e trabalhos recentes de Pedro Morais, sendo ainda apresentadas as duas primeiras “células” realizadas pelo artista em 1986. Podemos assim confrontar-nos com um percurso de uma rara consistência na arte portuguesa das últimas décadas: uma obra de um rigor atroz, onde confluem elementos de diferentes tradições: a mística renana medieval, a alquimia, o zen, a pintura enquanto “coisa mental”, de Leonardo a Duchamp, passando por Dacosta, os espaços solitários de Raymond Roussel, ou a prática em ateliês livres – de arquitectura, de pintura, de experimentação –, não só enquanto aprendiz, mas também como professor.

Nesse face-a-face onde qualquer falha deixa entrar a luz, quando a poeira assenta no chão, ou as nuvens atravessam o céu, tudo pode acontecer: uma corrente de ar, um espirro, a aparição de uma chama, o som da água a correr, o brilho dos pirilampos, as douradas sementes sobre terra azul, uma lâmina que surge de uma parede e Ah! As papoilas. Basta estar sentado para que o acontecimento, a nudez, se produza:

“Para além do mental nada existe. As flores nascem e morrem – como é simples a noite clara.” (Pedro Morais)

Quase uma retrospectiva de bolso, esta exposição é para transportar para casa, levando connosco este coração aqui e agora, uma vez mais, posto a nu.

Pedro Morais (Lisboa, 1944)

Frequentou os cursos de Pintura da Escola António Arroio e da Escola de Belas-Artes de Lisboa, e a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, Paris. Residiu em Paris de 1965 até 1977, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em 1967-1968. De regresso a Portugal, em 1977 foi professor na Escola António Arroio. Entre 1979 e 1994 foi o responsável pela experiência pedagógica “Atelier livre AT.RE”. É, desde 1984, responsável pela programação da Galeria Lino António. Entre 1975 e 1976 anulou a sua produção artística e dados biográficos anteriores (1964-1976), nas realizações *LETTRE OU FENETRE A SEPT AMIS – AUREVOIR PEDRO MORAIS – projectos e textos* (Paris, 1975) e *TU EST..., Duplo Triângulo – desenho, pintura e objectos* (Paris, 1976). Tem vindo a apresentar, desde 1982, diversas realizações e projectos.

Óscar Faria (Porto, 1966)

Crítico de arte, ensaísta. Doutorando em História de Arte Contemporânea – Universidade Nova de Lisboa, onde prepara uma tese acerca da obra de Álvaro Lapa. Nos últimos anos tem vindo a desenvolver trabalho curatorial não só no Sismógrafo (Porto) mas também na Fundação de Serralves e na Culturgest. Entre 1992 e 2011 foi jornalista e crítico do jornal Público. Director artístico da galeria Quadrado Azul (2012-2013) e Bolseiro da American Center Foundation (2008). Em 2004 e 2005 editou o programa Magazine Artes (RTP 2), actividade da qual resultaram cerca de 100 programas. Autor do documentário “A Segunda Casa” (RTP 2, 2005) acerca da obra de Helena Almeida.

Colaborou com várias publicações nacionais e internacionais, como Purple Prose, Camara Austria, Concreta, Jornal dos Arquitectos, Flauta de Luz, Confidências para o Exílio, etc.

Escreveu inúmeros ensaios, entre os quais se podem destacar aqueles acerca dos trabalhos de Rui Baião, Hernâni Reis Baptista, Vasco Barata, Artur Barrio, Gil Heitor Cortesão, Luis Paulo Costa, José Pedro Croft, Paulo da Costa Domingos, Priscila Fernandes, Renato Ferrão, Felix Gonzalez-Torres, Heinz Peter Knes, Álvaro Lapa, Pedro Morais, Paulo Nozolino, Rui Nunes, Bruno Pacheco, João Queiroz, Sebastião Resende, Thierry Simões, Francisco Tropa, Pedro Sousa Vieira e Danh Võ.

JORNADA

24 Março (10h – 12h / 15h – 17h)

Para ser visto: em torno da obra de Pedro Morais

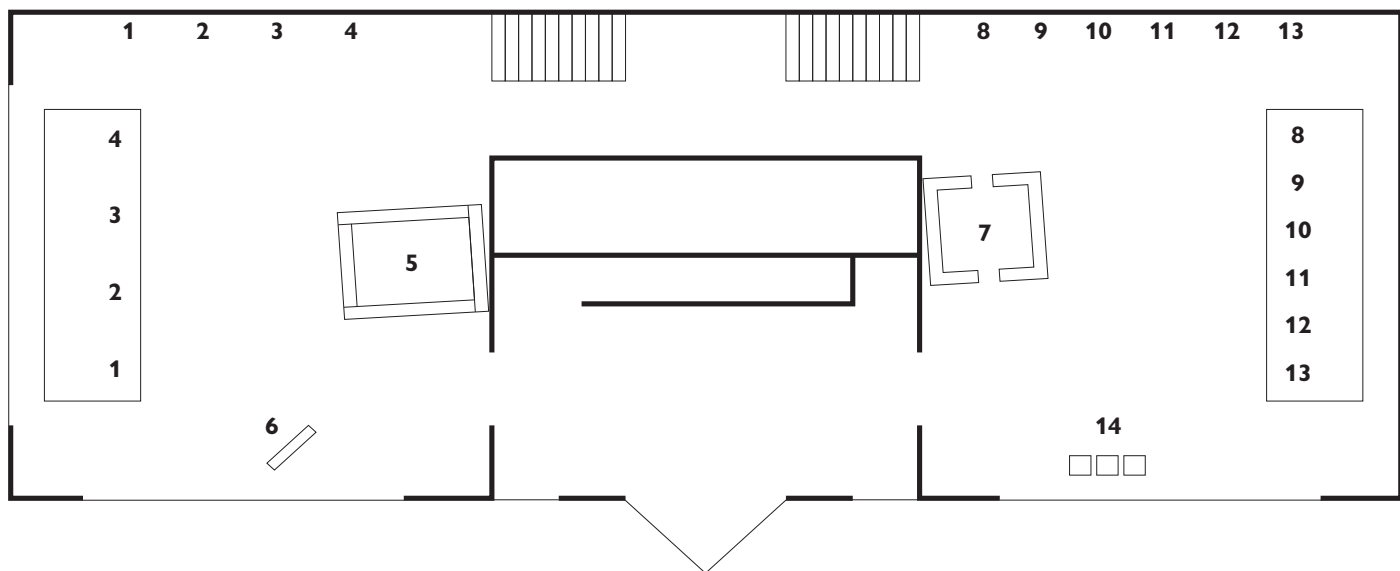
No âmbito da exposição “Nudez – uma invariante” irá realizar-se, a 24 de Março, uma jornada de um dia destinada a aprofundar o conhecimento da obra de Pedro Morais. “Para ser visto”, título do encontro, irá reunir uma série de nomes que se cruzaram com o artista, quer através da escrita e da curadoria, quer em lugares onde receberam os seus ensinamentos.

Dividida em duas partes, a jornada procurará reflectir, por um lado, sobre o ensino de Pedro Morais, ministrado na António Arroio, em Lisboa, onde não só fundou o mítico “atelier livre”, mas também programou a Galeria Lino António, e, por outro, acerca do seu percurso artístico, incidindo especialmente nas exposições realizadas no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu de Arte Contemporânea de Serralves.

“Para ser visto”, organizado por Óscar Faria em colaboração com as Galerias Municipais da EGEAC, conta com a participação de Rui Calçada Bastos, João Fernandes, Tomás Maia, Edgar Massul, Pedro Morais, José Luís Porfírio, Marta Soares e Francisco Tropa.

10h ao 12h | Pedro Morais, Óscar Faria, Rui Calçada Bastos, Edgar Massul, Marta Soares e Francisco Tropa

15h às 17h | Pedro Morais, Óscar Faria, João Fernandes, Tomás Maia, José Luís Porfírio



pisso 0

1. Maquete e desenho técnico
LOCUS-SOLUS I, Out. 87 / Abr. 88
Esferovite pintada de cinza

2. Maquete e desenho técnico
LOCUS-SOLUS II, 88/Abr.91
Esferovite pintada de cinza

3. Maquete e desenho técnico
LOCUS-SOLUS III
Esferovite pintada de cinza

LOCUS-SOLUS III
Muro oco de cal pintada e água corrente.
Museu Serralves, 2000/2001

4. Maquete e desenho técnico
Dokusan III
Gesso e lâmina em alumínio

Dokusan III
Museu Serralves, Fev. 04 / Dez. 05.
Lâmina e anamorfose em parede caiada

5. *Locus Solus (Célula 1)*, 1987/2018
Blocos de cimento, água, ilha (cone de grés com bico de Bunsen) tela e teia Paisagem emprestada, 1988/89
Cartão sobre marouflé,
111 x 111 cm

6. *Duplicata*, 2012
Vidro duplo, uma face pintada a óleo preto suspenso com cabo de aço,
111 x 111 cm

7. *Célula I*
Blocos de cimento. Folha de papel liso e amachucado

8. Desenho técnico e fotografias
Deserto IIIA, Deserto IIIB e Deserto IIIC
Deserto IIIA
Museu Nacional de Arte Antiga,
Fev.83 / Ago. 84
Sala dos trípticos (Sala 7 – Pintura do século XVI)

Deserto IIIB
Museu Nacional de Arte Antiga,
Fev.83 / Ago. 84
Sala dos retratos (Sala 9 – Pintura do século XVI e XVII)

Deserto IIIC
Museu Nacional de Arte Antiga,
Fev.83 / Ago. 84
Sala Zurbaran (Sala 13 – Pintura do século XVII)

9. Maquete e desenho técnico
MU – Lua em chão de terra batida
Cartão e Balsa

MU – Lua em chão de terra batida,
Dez. 06 / Jun. 09
Terra, viroc, pintura e luz.
Paisagem emprestada, 1988/89
Cartão sobre marouflé,
111 x 111 cm.
CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

10. Maquete e desenho técnico
Ma - A dança dos Pirilampos
Cartão pintado

Ma - A dança dos Pirilampos
Gesso cartonado, estrutura em aço, estrado e soalho de pinho encerado, leds, sistema electrónico, ventilador de computador, cor, pó de pedra e projector de teatro com tripé, luz e filtro difusor.
Chiado 8 Arte Contemporânea,
Jan/Mar 2015

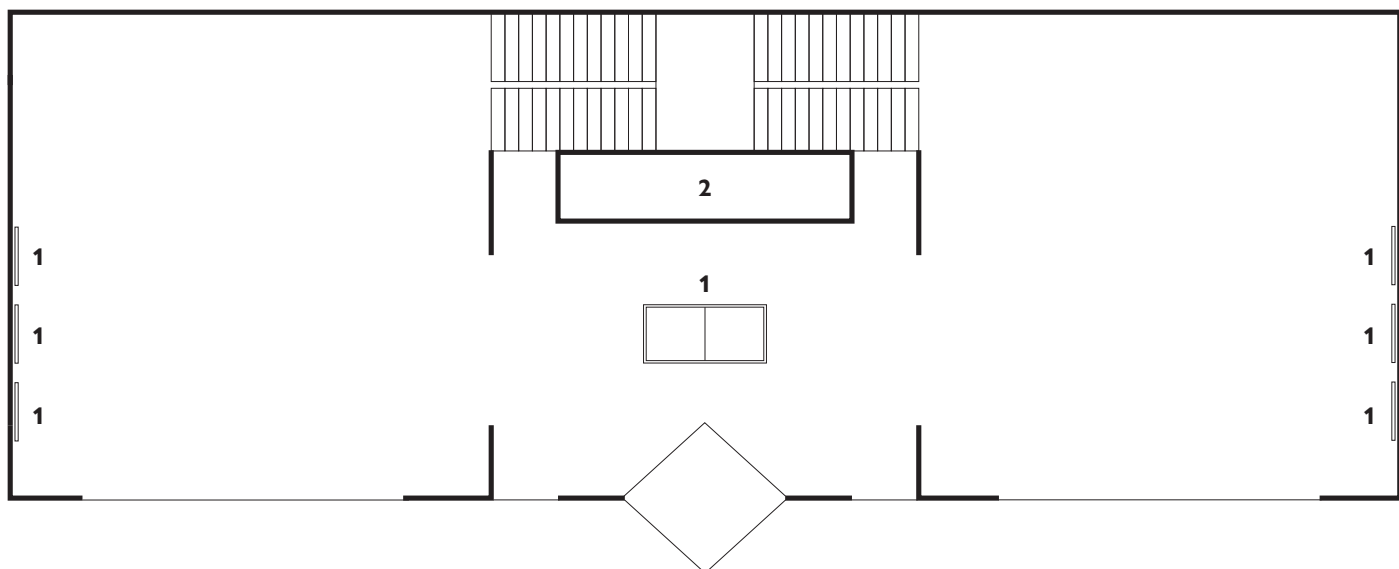
11. Maquete e desenho técnico
MA – Quadrado em Azul Profundo
Cartão pintado e balsa

Ma – Quadrado em Azul Profundo
Viroc, cor, rocha, vidro, lancil, gravilha e luz
CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

12. Maquete e desenho técnico
Tríptico em azul – olha!, Nov. 12
Cartão e Balsa

13. Maquete e desenho técnico
Ah! as papoilas, Set. 15
Cartão pintado

14. *É (3 Naturezas mortas)*, 2015
Terra seca pintada de azul e sementes de oliveira, caqui e pinheiro, cobertas de ouro



piso 1

1. Nudez – uma variante, 2013/2018

Nú Véu A (Amarelo)

Nú Véu B (Azul)

Nú Véu C (Vermelho)

Óleo sobre tela, moldura com folha de ouro, tubagem em latão e máquina de fumos

Nú: Maternidade

Óleo sobre tela (branco e preto) néon e moldura com folha de ouro

Nú Véu D (Violeta)

Nú Véu E (Laranja)

Nú Véu F (Verde)

Óleo sobre tela, moldura com folha de ouro, tubagem em latão e máquina de fumos

2. Sutra do Coração

Gravação. Voz do Mestre Zen Hogen Yamahata